Resolução da Ficha de trabalho de grupo 14

1. Não concordamos com a definição de inteligência enquanto capacidade da mente para resolver problemas abstratos. A definição é pouco inclusiva, demasiado restrita, insuficiente ou limitada. O conceito de inteligência abarca mais competências para além da resolução de problemas abstratos. Os psicólogos não estão de acordo quanto a uma teoria global da inteligência humana. A definição do conceito de inteligência é relativo a uma teoria psicológica particular. Note-se no desenvolvimento atual que é conferido à dimensão emocional do comportamento inteligente. Há alguns aspetos gerais que podem ser referidos para uma definição incompleta do que é a inteligência.
2. A inteligência é a capacidade humana que os seres humanos possuem para se adaptarem com eficácia e rapidez às novas circunstâncias do meio em que vivem, respondendo-lhes com soluções criativas, arriscadas e originais. Entre vários ramos da inteligência encontra-se a inteligência emocional que consiste na compreensão das emoções (das nossas e das outras pessoas) no momento oportuno, e responder-lhes adequadamente revela que as nossas respostas emotivas e sociais são também manifestações de uma base emocional da inteligência humana que influencia a nossa capacidade multifacetada de adaptação ao meio. Quem é dotado de inteligência emocional tem uma boa perceção dos seus estados emocionais, autocontrolo, um apurado sentido de avaliação das suas capacidades, autoconfiança, flexibilidade na adaptação às mudanças, capacidade de iniciativa e de inovação e gosto por desafios cuja resolução esteja relativamente ao seu alcance.

3. Os principais fatores que potenciam e desenvolvem, ou inibem e bloqueiam o desenvolvimento intelectual são fundamentalmente três: (1) a Hereditariedade; (2) o Meio Social e (3) as Expectativas. A Hereditariedade refere-se à herança genética, à componente biológica, que constitui um potencial para o desenvolvimento intelectual, está ligado ao processo de maturação fisiológica, em particular, do sistema nervoso. O genótipo, conjunto de informações genéticas que um indivíduo herda dos pais, representa uma condição para a inteligência se desenvolver normalmente. Está por provar se há uma relação determinista entre genes e Q.I., mas tudo parece indicar, em termos científicos, que não há uma relação determinista e que os fatores culturais e sociais são, de longe, mais importantes para um desenvolvimento equilibrado das capacidades intelectuais. Assim, um meio familiar estimulante, um meio social que seja economicamente vantajoso e onde o acesso à informação, educação e cultura não têm obstáculos, constituem fatores positivos para o desenvolvimento da inteligência. O potencial hereditário pode ser (ou não) desenvolvido por circunstâncias favoráveis dos contextos social e cultural. Quanto às expectativas, relacionam-se com os outros e com a própria pessoa, podem ser positivas ou negativas e influenciam a inteligência. O que os outros – sobretudo os pais, professores, grupos de pares e amigos – esperam de uma pessoa influencia a capacidade de ser inteligente: se as expectativas são positivas, estimulam as capacidades intelectuais; se são negativas, bloqueiam o desenvolvimento da inteligência. O “Efeito de Pigmalião” afeta a confiança que uma pessoa pode ter acerca das suas reais capacidades, uma pessoa pode adotar comportamentos (que respondem a expectativas dos outros acerca de nós) de baixa auto estima e fazer uma imagem negativa de si própria. Este efeito mostra

até que ponto as expectativas afetam e influenciam o desenvolvimento da inteligência.

4. O quociente de inteligência é um número que resulta da realização testes específicos para medir /avaliar as habilidades cognitivas de uma pessoa em relação à sua faixa etária. Este resultado é abreviado por QI. O conceito de QI expressa uma relação entre a IM e a IC cujo produto final é multiplicado por 100 (que é o valor considerado como média normal da inteligência). Se a IM, aferida pela aplicação de um conjunto de testes psicométricos, for superior à IC, a idade real, então, o QI será sempre superior à média. O inverso mostra que há um déficit cognitivo. Por exemplo, podemos utilizar este tipo de teste para determinar o desenvolvimento de uma criança com uma certa idade, classificando-o como um desenvolvimento normal, superior ou inferior à sua idade. É muito discutível que a inteligência seja captada por uma fórmula tão abstrata como o QI.

5. Os testes psicológicos de QI ou de personalidade são uma situação experimental que serve de estímulo para um determinado comportamento. De facto, os testes garantiram maior objetividade às investigações em psicologia, ainda que limitada a um nível de probabilidade na predição e medição quantitativa dos fenómenos do comportamento. Contudo, de um ponto de vista crítico, os testes apresentam dificuldades na sua aplicação, são demasiado estáticos no sentido em que privilegiam os resultados e não o processo dinâmico que conduz os sujeitos a responder, portanto, pode dizer-se que os testes mostram e ao mesmo tempo ocultam. Por outro lado, a vulgarização dos testes mal elaborados, em jornais, revistas e noticiários de televisão, têm contribuído para o seu decréscimo e ceticismo junto

da opinião pública. Uma outra crítica que se pode fazer em relação à aplicação dos testes está ligada à sua isenção social, política e cultural. Os testes de inteligência estão padronizados para a classe média de raça branca e quando se aplicam estes testes a indivíduos de grupos culturais com diferentes valores, costumes e educação, os resultados obtidos por estes grupos ficam abaixo da média padronizada, o que é óbvio dado a prévia situação de desvantagem.

6. O pensamento é aquilo que é trazido à existência através da atividade intelectual. Por esse motivo pode-se dizer que o pensamento é um produto da mente, que pode surgir mediante atividades racionais do intelecto ou por abstrações da imaginação.

7. Não concordamos com esta afirmação. Os dois aspetos do pensamento são complementares entre si: o pensamento convergente está orientado para a procura de respostas únicas, lógicas e objetivas, subordinadas a regras rígidas, inflexíveis, e que expressa um tipo de pensamento rigoroso, disciplinado, assente em rotinas. O pensamento convergente está relacionado com a memória e com a aprendizagem – é um pensamento dedutivo e analítico, a base das aprendizagens escolares. O pensamento divergente, por seu lado, revela uma pessoa capaz de proceder a uma exploração mental de várias soluções para um dado problema, procura a criatividade, a originalidade, o uso da imaginação criadora e uma grande flexibilidade intelectual e sensibilidade. Daí a diferença entre estes tipos de pensamento, a diferença entre lógica e imaginação, rigor e criatividade. Todavia, a criatividade não surge do nada, não é um talento caído do céu ou que deva a sua existência apenas uma combinatória casual da hereditariedade individual: o pensamento criativo precisa de se apoiar no pensamento convergente:

uma pessoa pode ter imensas ideias novas, originais, mas ser incapaz de selecionar as melhores ou de aplicá-las (concretizá-las na prática). Há pessoas que podem ser mais ou menos divergentes, mas os dois tipos de pensamento coexistem e complementam-se entre si.

8. O pensamento criativo possui como características a fluidez, a flexibilidade e a originalidade. A fluidez é a facilidade de expressão e a mobilidade de ideias, a articulação entre diversas ideias ou conceitos diferentes e o uso de muitos sinónimos que traduzem a grande mobilidade do pensamento criativo. A flexibilidade refere-se à capacidade que uma pessoa possui para poder mudar rapidamente de estratégias e resolver um problema, mudando o seu ponto de vista perante o risco de vir a cometer erros e continuar, persistentemente, em busca de novas soluções. É a versatilidade própria da dinâmica do pensamento criativo. A originalidade é a produção de algo novo ou inédito, que se traduz na descoberta de novas, múltiplas e diferentes soluções, formas e expressões.

9. A afirmação é verdadeira pois a imaginação reprodutora está ligada à memória e consiste fundamentalmente na capacidade cognitiva de evocar informação existente, derivada de perceções anteriores, com o objetivo de criar novas formas, novos padrões, através de recombinações inéditas das formas originais. A imaginação criadora consiste em estabelecer combinações de elementos, de formas, que nunca foram percecionados, ou experimentados, pelo sujeito cognitivo: o produto imaginário deste poder criativo é a ficção, o mundo da fantasia, do irreal, a geração de novos mundos e a invenção do próprio futuro.

10. A mente humana é complexa devido aos processos psicológicos integrados e interdependentes que a constituem, dando origem a respostas comportamentais diversas e individualizadas. Os nossos comportamentos são complexos em função da atividade mental que lhes dá origem: pensar, imaginar, sentir, querer, desejar, amar, experimentar emoções, estar motivado para realizar objetivos, memorizar e aprender, em suma, construir cada um o seu projeto de vida pessoal e definir a sua identidade pessoal, são todos os aspetos que fazem parte da nossa vida mental. A mente humana é uma unidade de processos cognitivos, emocionais e motivacionais (conativos). A mente humana é o lugar da totalidade da atividade psíquica. É um sistema integrado e integrador de processos dinâmicos que, em interação, se organizam e auto-organizam de forma complexa. A mente não é, por conseguinte, um mero conjunto de componentes ou de estados independentes. Cada processo tem uma importância vital na operacionalidade de outros processos, afetando-os e sendo afetado por eles. Isto é particularmente notório nos défices emocionais e o seu impacto na vida mental e pessoal de cada indivíduo. A análise de casos clínicos como o de Elliot (investigado e relatado pelo neurocientista António Damásio) permitem-nos concluir que a rutura, ou colapso, de um dos aspetos da mente, ou a dissociação entre componentes e processos, não afeta apenas uma parcela circunscrita, mas a sua unidade psíquica e integrativa. Os processos cognitivos, emocionais e conativos são interdependentes – a dissociação entre cognição e emoção compromete a capacidade de planear o futuro. Existe assim uma estreita interação entre mente, cérebro e comportamento. O conceito de mente remete-nos para a relação de reciprocidade que esta mantém com o comportamento (manifestação observável dos processos mentais), por um lado, e com o seu suporte

material (mecanismos neuronais), por outro. Mente, cérebro, e comportamento constitui um triângulo de componentes interdependentes e relacionadas (funcional e estruturalmente). A integração harmoniosa dos diferentes processos mentais é um todo funcional e único que nos permite conhecer, sentir e agir sobre o mundo em que se desenrola e se constrói a nossa existência pessoal.

A capacidade de antecipar o futuro, de planear, formular cenários e prever resultados, diz respeito à dimensão consciente da mente, e é uma capacidade exclusivamente humana, inseparável da imaginação, da emotividade e da intencionalidade da vida psíquica. Na mente humana, a imaginação assume um papel relevante na forma como construímos o nosso mundo próprio. Imaginar, isto é, produzir imagens mentais, depende da capacidade simbólica e está associado a processos cognitivos, emocionais e conativos. Imaginação reprodutora e criadora conjugam-se na nossa capacidade de atribuir significados e de planear, decidir e prever o futuro. Pensamento e ação criam o sentido que atribuímos ao mundo envolvente e à nossa própria existência, contribuindo em permanência para a construção da identidade pessoal. A identidade pessoal é o produto, sempre em aberto, da auto-organização que cada indivíduo faz da sua história biológica e relacional. A mente é, em última análise, o lugar do nosso «eu», é o lugar da personalidade e é aquilo que assegura a unidade, a singularidade e continuidade de cada sujeito psicológico como pessoa.

Luís Caetano nº6

Maria Lourenço nº7

Raquel Candeias nº9

Rosa Palma nº10

12ºB